

NO PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRA SIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3727/3728 — BISSAU

Luiz Cabral inaugura exposição alusiva ao 20 de Janeiro

O camarada Luiz Cabral inaugurou, anteontem à tarde, a exposição de jornais e desenhos alusivos ao 20 de Janeiro, organizada pelos alunos da Escola Preparatória do Bairro da Ajuda. O camarada Presidente, que se fazia acompanhar do camarada Mário Cabral, Comissário de Estado da Educação Nacional e Cultura, foi recebido pelos camaradas Domingos Brito, Secretário-Geral do Comissariado e Augusto Pereira, Director da Escola.

Num breve improviso, o camarada Luiz Cabral exortou os alunos presentes a seguirem o exemplo dos nossos heróis que trabalharam para o nosso povo, sem medirem os sacrifícios e sem receberem remuneração.



O Povo prestou homenagem em todo o país aos heróis e mártires da Luta de Libertação Nacional

O povo prestou ontem homenagem aos seus heróis e mártires afluindo em massa ao local das comemorações empunhando dísticos e entoando canções. Não houve cerimónias oficiais, que foram adiadas, mas a Comissão Feminina do PAIGC e a JAAC (Juventude Africana Amílcar Cabral cumpriram integralmente os seus programas.

Às nove horas a «Praça dos Heróis Nacionais» encontrava-se já com muita gente, que foi

testemunhar o seu reconhecimento àqueles filhos da nossa terra que tomaram no campo da honra pela liberdade desta terra sagrada.

Havia lágrimas nos olhos de muitos filhos do povo, quando foi deposta uma coroa de flores no centro da Praça dos Heróis Nacionais por um grupo de Pioneiros do Partido. Organizou-se a seguir, um desfile até à «Praça Titina Silá», onde foi igualmente deposta uma coroa

de flores pela filha desta heroína do nosso povo. A multidão regressaria ao local da concentração para participar na reunião política marcada para a esquadria do Palácio da República.

Estiveram presentes às cerimónias o camarada Luiz Cabral, Secretário-Geral-Adjunto do PAIGC e Presidente do Conselho de Estado, Francisco Mendes (Chico Té), membro do Secretariado Permanente do CEL e Comissário Principal, Paulo Correia, membro do Comité Executivo da Luta do Partido e presidente do Comité de Estado da Região de Bissau, Carmen Pereira, membro do Comité Executivo da Luta do Partido, Tiago Aleluia Lopes, membro do Comité Executivo da Luta do Partido e responsável pela organização do Partido na Região de Bissau, Armando Ramos, membro do Conselho Superior da Luta do Partido e Comissário de Estado do Comércio e Artesanato, Mário Cabral, Comissário de Estado da Educação Nacional e Cultura e vários outros dirigentes do nosso Partido e Estado.

(Continua na página 2)

EDUCAÇÃO

Ano I da Organização

(Comissariado de Estado da Educação e Cultura)

— página 6 —



AGA KHAN CHEGOU A BISSAU PARA UMA VISITA DE TRÊS DIAS

«Vim verificar pessoalmente os progressos conseguidos no repatriamento e reinstalação dos vossos compatriotas que estavam exilados no estrangeiro durante a longa luta pela independência», declarou-nos, ao chegar a Bissau, o Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados Príncipe Sadruddin Aga Khan, que assim iniciava uma visita de três dias ao nosso País.

O Príncipe Aga Khan, de

naturalidade iraniana, foi eleito Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados em 1 de Janeiro de 1966, tendo sido sucessivamente reeleito após cada mandato de três anos. Dirige um dos mais importantes departamentos das Nações Unidas, especializado no repatriamento dos refugiados. A actividade do Alto Comissariado de

(Continua na página 2)

O PAÍS

De Helsínquia, regressou o camarada Otto Schacht, membro do C.E.L. do Partido e Comissário de Estado dos Transportes e Comunicações. Este camarada participou na reunião do Bureau da Presidência do Conselho Mundial da Paz, representando o nosso País, tendo contribuído para a aprovação da moção de apoio à República Popular de Angola e de exigência de retirada imediata de todas as forças invasoras da racista África do Sul.

CABO VERDE

Em Cabo Verde foi criado, por decreto-lei do Governo, um Fundo de Solidariedade Nacional, com o objectivo de reunir e aplicar todas as contribuições voluntárias, individuais e colectivas, para a reconstrução nacional. O preâmbulo do decreto-lei apela, ainda, aos caboverdianos residentes no estrangeiro para contribuírem, através deste fundo, dentro do espírito de solidariedade nacional, em torno dos objectivos que unem o povo do País irmão. (Pág. 3)

PORTUGAL

Em Portugal, repetição do que tem acontecido nos últimos tempos: sai um fascista da cadeia (o antigo ministro do Interior, Santos Júnior), recolhe ao calabouço um militar revolucionário o major Otelo Saraipa de Carvalho que ainda na véspera havia sido considerado pelos leitores de uma revista espanhola como a personalidade do ano. Ontem mesmo, ocorreu um morto e cinco feridos num recontro entre polícia e manifestantes, desconfiando os correspondentes estrangeiros de provocação, tal como se suspeita tenha acontecido em Cusatóias no Dia de Ano Novo.

(pág. 7)

LÍBANO

Os combates que opõem forças nacionais patrióticas a unidades armadas dos partidos da direita deixaram de ter lugar apenas nas imediações de Beirute e alastraram, nas últimas horas, a outras regiões do país.

(Página 7)

SALVADOR ALLENDE O novo nome do CIPES

Numa pequena cerimónia realizada ontem na sede do Ciclo Preparatório de Bissau, foi descerrada uma placa com o nome de Salvador Allende, dando assim a este estabelecimento de ensino o nome do malgrado presidente chileno e grande combatente da liberdade.

À cerimónia, estiveram presentes os camaradas Domingos Brito, membro do CSL do Partido e Secretário-Geral do Comissariado de Estado da Educação Nacional e Cultura, Mário Cabral, Comissário de Estado da Educação Nacional e Cultura, Luís Moita, director da CIDAC (Centro de Informação, e Documentação Anti-Colonial), Dulce de Almeida, directora do Ensino Secundário, Beatriz Cabral, chefe de departamento do Ensino Primário, Manecas, reitor do Liceu Nacional Kwame N'Krumah, Aguilaldo Embaló, director da Escola Técnica Vitorino Costa, Aminé Saad, subdirector do Ciclo Preparatório e muitos professores e alunos.

CERIMÓNIAS SIMPLES ASSINALARAM O "DIA DOS HERÓIS NACIONAIS"

No comício usaram da palavra, sucessivamente, o camarada Pascoal, em representação da JAAC, a camarada Domingas Gomes, em nome das mulheres do PAIGC, Malam Darame, pelo Partido, e Mário Cabral, Comissário de Estado da Educação Nacional e Cultura. Todos eles se referiram ao significado do dia 20 de Janeiro, dia dos Heróis Nacionais.

★

Tal como em Bissau, o dia 20 de Janeiro, Dia dos Heróis Nacionais foi assinalado em todo o País, talvez mesmo até com maior solenidade já que na capital os principais actos oficiais foram adiados até à vinda dos restos mortais do camarada Amílcar Cabral.

Na impossibilidade de relatar-mos as inúmeras cerimónias, por esse País fora, damos conta das mais importantes que se realizaram nas regiões de Oio, Buba, Gabú, Cacheu e Bafatá, segundo as informações dos correspondentes da Agência Noticiosa da Guiné-Bissau.

MOVIMENTAÇÕES DE MASSAS EM TODA A REGIÃO DE OIO

A fim de comemorar o «Dia dos Heróis Nacionais» (20 de Janeiro), realizaram-se comícios nas

diferentes secções do sector de Bissorã.

Em Bissorã, o comício contou com a presença dos camaradas José Gomes, Vicente Monteiro e Silvério de Carvalho, tendo o camarada Vicente Monteiro usado da palavra e explicado pormenorizadamente a obra do nosso «leader» imortal, camarada Amílcar Cabral.

Em Binar, o comício foi dirigido pelos camaradas Marcelino Ramos e Paulo Nadanga, tendo os professores e alunos, apresentado peças de teatro. Houve grande manifestação popular, seguida de corridas de sacos e prova de atletismo.

Em Encheia, onde o comício foi presidido pelos camaradas Wana Tchuda, houve também manifestação da população e Juventude. Na secção de Imbunhi, o comício foi presidido pelos camaradas Jaime Camala.

Aliás, toda a região de Oio participou em reuniões políticas onde foi prestada homenagem aos Heróis Nacionais, para além destas que referimos no sector de Bissorã, antiga sede da Região. Em Farim, as cerimónias tiveram a presença do Presidente do Comité de Estado da Região, camarada António Borges, membro do CSL do Partido. Podem assinalar-se outras importantes reuniões em Cuntima, Candjambari, Mansoa, Tara, Nhacra, e Mansabá.

MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS E DESPORTIVAS EM BAFATÁ

Bafatá preencheu o dia 20 e a semana que o precedeu, com numerosas actividades de massas, predominando as manifestações políticas e desportivas. Destacaram-se do Programa:

DIA 16 — As 21 horas — seminário sobre os temas «Vida e obra de Amílcar Cabral» e «Resistência Cultural, em que foram oradores, os camaradas João Luís Pinto e Fernando Delfim da Silva.

DIAS 18 e 19 — Torneios de futebol de salão e de voleibol, entre as equipas do Ciclo Preparatório, professores, JAAC e equipa de casados.

DIA 20 — As 8 horas — concentração das massas populares no largo do liceu.

As 9 horas — marcha de manifestantes até ao local onde um grupo de mulheres da Organização de Mulheres do Partido, depositou uma coroa de flores, em homenagem aos Heróis do nosso Povo.

As 10 horas — lançamento ao rio, de uma coroa de flores acompanhada de uma salva de tiros, em memória dos nossos Heróis Nacionais.

As 11 horas — «meeting» no átrio do edifício onde funciona a secretaria da Educação. Usaram da palavra os camaradas Fernando Delfim, delegado da Organização da JAAC na região, Braima Camará, Presidente do Comité de Estado da Região e Julião Lopes, Membro do C.S.L. do Partido e Comandante da Marinha, que foi Delegado pelo nosso Estado, para tomar parte, em Bafatá, nas comemorações do dia.

RESPONDE O POVO

Qual o significado do dia dos Heróis Nacionais?

No número anterior do «Nó Pintcha», dedicado especialmente aos Heróis Nacionais, perguntámos ao público qual o significado do «20 de Janeiro». Dada a importância do tema, repetimos hoje a pergunta. As respostas apontam unanimemente para uma verdade: a melhor maneira de honrarmos os nossos heróis, os que tombaram pela libertação da nossa terra, é prosseguirmos a sua obra. «Nó Pintcha», camarada!

LUIZ AUGUSTO MEDINA (Funcionário)

«Considero o 20 de Janeiro o dia em que todos nós devemos lembrar-nos dos heróis tombados na nossa luta de libertação, em especial o camarada Amílcar Cabral, fundador da nossa nacionalidade, que muito lutou para ver realizada esta obra, mas que infelizmente não conseguiu, devido à traição do colonialismo português.

«Faço um apelo a todo o povo da Guiné-Bissau para que prossiga o trabalho pelo qual Amílcar Cabral deu a vida.»

AZEVEDO DA COSTA (Taxista)

«Este dia é para mim muito significativo, pois é o dia em que lembramos com muito pesar o assassinato do camarada Amílcar Cabral. Neste dia recordamos também todos aqueles que tombaram na luta, os melhores filhos da nossa terra, que pagaram com a sua vida a liberdade a que todo o homem tem direito.

«Os colonialistas, ao assassinares o camarada Cabral julgavam que conseguiram com isso fazer parar a nossa luta. Mas o nosso Partido fez todos os esforços para mostrar aos tugaes que estavam enganados, conseguindo, assim, libertar a nossa terra e correr com eles.

«Esta data não é só de pesar mas também de alegria porque lembramos a vida de Cabral, o grande exemplo que este filho da nossa terra deu a todos nós, segundo o qual para conseguirmos atingir um objectivo é preciso lutar, é preciso pegarmos todos os e, se necessário, dar até a vida. Por isso a melhor maneira de honrar Cabral e os restantes heróis da nossa luta é lutar tam-

bém para levarmos a nossa terra para a frente.»

ANGELA JOANA MONTEIRO (Funcionária)

«O 20 de Janeiro é para todos nós um dia de sentimento porque foi nesse dia que os colonialistas conseguiram assassinar o camarada Amílcar Cabral. Nesse dia, perdemos um dos melhores filhos da nossa terra, aquele que deu a vida para a nossa libertação do jugo colonial. Por isso, devemos comemorar este dia, que, no nosso país é também considerado o dia dos Heróis Nacionais, com profundo pesar porque neste dia recordamos todos os nossos irmãos que ficaram no longo e difícil caminho da luta de libertação nacional.»

JOSÉ AVELINO DE SOUSA (Funcionário)

«A minha opinião é que o 20 de Janeiro devia ser a comemoração dum outro acontecimento histórico, e não o assassinato de Cabral, pois Cabral devia hoje estar entre nós para juntos celebrarmos outro acontecimento histórico.»

AGA KHAN VISITA BISSAU

(Continuação da pág. 1)

Guiné-Bissau tem sido de extrema importância dado o elevado número dos nossos compatriotas refugiados nos países vizinhos por causa da guerra. Calcula-se em 150 mil o número desses refugiados, dos quais cerca de metade já terá regressado às suas tabancas de origem graças à ajuda financeira e técnica do HCR (Alto Comissariado para os Refugiados).

Durante o dia de hoje, o Príncipe Aga Khan visitará as regiões de Morés e Farim na companhia do camarada Luiz Cabral, Presidente do Conselho de Estado e de representantes dos departamentos mais ligados aos refugiados. O Príncipe resumiu a actividade do seu departamento no nosso País:

«A nossa organização pôde ajudar as pessoas expatriadas durante a luta. Fizemos o possível para as reconduzir e auxiliar a alcançarem a auto-suficiência após retomarem contacto com as suas tabancas de origem e poderem, assim, dedicar-se a uma vida produtiva e útil. Lançamos, em devido tempo, um apelo para a obtenção de uma soma avaliada em mais de quatro milhões de dólares. Este programa está inteiramente financiado, e atingimos os objectivos do apelo. Todos os fornecimentos no plano agrícola, económico e social estão assegurados. Iremos igualmente construir duas escolas e cinco hospitais que creio serem úteis nas regiões rurais para as pessoas reinstaladas.»

NÓ PINTCHA

Orgão do Comissariado de Estado de Informação e Turismo

Trisemanário Nacional de Informação

Sai às Terças, Quintas e Sábados

Preço: 2550

Redacção, Administração e Oficinas: Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração e Publicidade: 3728

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

1 ano 400\$00
6 meses 250\$00

Outros Países Africanos e Portugal

1 ano 500\$00
6 meses 300\$00

Serviços de Distribuição e Vendas do «NÓ PINTCHA»

— Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINÉ-BISSAU

FARMÁCIAS

HOJE — «MODERNA» — Rua 12 de Setembro, telefone 2702.

AMANHÃ — «CENTRAL» — Rua Vitorino Costa, telefone 2453.

TELEFONES

Hospital Simão Mendes:
Banco — 2866/2867
Bombeiros — 2222

Polícia:
1.ª Esquadra — 3333
2.ª Esquadra — 3444

Correios:
Radiodifusão — 2600
Radiodifusão Nacional — 2430
Aeroporto — 3001/4 (TAG-B)
TAP — 3991/3

Serviços Municipalizados:
Água e Electricidade — 2411
(das 7 às 17 horas)
Assistência à rede eléctrica — 2414
(das 16 às 24 horas)
Chegadas e partidas de navios — 2922/5

RÁDIO

EMISSÕES:

Das 6 às 8; das 12 às 15 e das 17 às 24 horas.

NOTICIARIOS:

As 7, 13, 15, 17, 20 e 21 horas.

AGENDA DO DIA:

As 18,45 horas.

CINEMA

HOJE — As 18,30 horas — «ELE AI ESTÁ» — m/14 anos e às 20,45 horas — «A METRALHADORA» — m/13 anos.

AMANHÃ — As 20,45 horas — «A METRALHADORA» — m/13 anos.

Criado o Fundo de Solidariedade Nacional por decisão do Governo

Com a finalidade de gerir e aplicar todas as contribuições feitas para a realização do programa sócio-económico do Governo, foi criado em Cabo Verde um Fundo de Solidariedade Nacional. O Fundo surge dentro do espírito de reconstrução nacional e para além disso pretende contribuir para a unidade e solidariedade de todos os cidadãos da República irmã.

Concretamente, segundo o decreto-lei que o criou, compete ao Fundo de Solidariedade Nacional:

a) — Gerir todos os bens doados para a Reconstrução Nacional que serão destinados a obras que melhorem o nível de vida do nosso povo, tais como escolas, centros de recuperação para jovens abandonados, asilos para pessoas idosas, etc.

b) — Administrar todos os bens doados de forma a fazê-los render.

O Fundo será administrado superiormente por uma Comissão formada por três elementos designados pelo Primeiro Ministro.

Segundo o preâmbulo do decreto que criou este Fundo de Solidariedade, «a construção de um Cabo Verde novo, mais próspero, mais justo e mais feliz, ao serviço dos caboverdianos, exige a participação de todos os verdadeiros patriotas na grande batalha para vencer a pesada herança colonial.

Para além de todos os esforços do Governo da República de Cabo Verde para encontrar os meios indispensáveis à resolução dos problemas mais fundamentais do nosso povo, torna-se dever de todos os caboverdianos, dentro e fora do País solidificar-se com aqueles que mais sofreram com a dominação colonial, contribuindo com os meios necessários para que tenham condições de vida conforme com a dignidade humana».

A nota onde se dá conta da criação do Fundo apela para o «sentimento patriótico da esmagadora maioria do nosso povo», convidando os nossos compatriotas do exte-

rior a darem o seu contributo para o Fundo de Solidariedade.

O EMBAIXADOR DA FRANÇA ENTREGOU CREDENCIAIS

O camarada Aristides Pereira, Presidente da República Irmã de Cabo Verde recebeu as credenciais que acreditam como embaixador extraordinário e plenipotenciário da República Francesa no país irmão o embaixador da França, em Bissau, Xavier Daufrene de la Chaverlie.

Estiveram presentes no acto os camaradas Abílio Duarte, Presidente da Assembleia Nacional Popular e Ministro dos Negócios Estrangeiros, Osvaldo Lopes da Silva, Ministro da Economia, Sérgio Centeio, Ministro da Agricultura e Águas, Manuel Duarte, Conselheiro Jurídico da Presidência, Leonildo Monteiro, Director Nacional da Energia Indústria e Recursos Naturais José Brito, Director Nacional de Cooperação, João Quirino, Director Nacional da Educação, Humberto Bettencourt, responsável pelo Departamento de Pesca e Alcides Évora, Chefe do Protocolo da Presidência.

RECEBIDO O EMBAIXADOR DA ROMÉNIA

O camarada Presidente da República de Cabo Verde recebeu também em audiência, o embaixador da Roménia em Bissau, que é igualmente embaixador daquela República Socialista em Conakry.

TRIBUNAIS DE ZONA NO CONCELHO DE SANTA CATARINA

Deslocou-se à vila de Assomada o camarada Ministro da Justiça, David Hopffer Almada, a fim de tratar de assuntos relacionados com a constituição dos tribunais de Zona do concelho de Santa Catarina.

Durante cerca de duas horas o camarada ministro, acompanhado dos responsáveis do Partido, da Justiça e da Administração Interna, discutiu e esclareceu diversos aspectos da justiça popular e da

sua aplicação pelos tribunais de zona.

Assim, tentou explicar o conteúdo de um documento — elaborado pelo Ministro da Justiça e distribuído aos camaradas indigitados para os tribunais da zona de Santa Catarina.

DELEGAÇÃO DO B.A.D.

O camarada Ministro de Saúde e Assuntos Sociais reuniu-se com Emmanuel Goued, director das Finanças do Banco Africano de Desenvolvimento no domínio da saúde e assuntos sociais.

Chegaram-se a algumas conclusões acerca dos sectores ligados ao Ministério de Saúde e Assuntos Sociais em que o fundo, que é administrado pelo Banco Africano de Desenvolvimento, poderá investir.

INSTITUTO CABOVERDIANO DE SOLIDARIEDADE

Seguiu para Europa uma delegação do Instituto Caboverdiano de Solidariedade, composta pelas camaradas Maria das Dores Silveira Pires, Isaura Cardoso e Maria do Livramento Firmino Soares.

O objectivo desta missão é estreitar as relações de amizade existentes entre a República irmã de Cabo Verde e os países e organizações que têm ajudado na tarefa de Reconstrução Nacional.

Delegação do PNUD na Ilha do Fogo

Depois de três dias de visita à ilha do Fogo, regressou na quarta-feira à Praia o Conselheiro do Programa Alimentar das Nações Unidas.

Durante a sua estadia na ilha, percorreu várias localidades, acompanhado pelo delegado do Governo, camarada Lima Barber, tendo visitado o Hospital, postos sanitários e escolas.

Contactou também com os membros das Direcções locais e departamentos dos Assuntos Sociais da ilha.

Reunião no Ministério de Agricultura e Águas

Realizou-se na passada segunda-feira no Ministério de Agricultura e Águas uma reunião de funcionários para estudar e discutir a criação de um Grupo Dinamizador de Repartições (GDR).

Depois de uma longa troca de impressões, se registou a participação activa dos funcionários presentes, foi decidido que a eleição do GDR, terá lugar hoje às 11 horas, depois da discussão nas respectivas repartições do processo eleitoral.

Durante a reunião foi amplamente discutido o papel dinamizador do GDR, a necessidade de aumento de produtividade nas repartições e a participação consciente dos funcionários no processo de reconstrução nacional.



Amílcar Cabral

Às crianças devemos dar o melhor que temos

«Na nossa situação concreta temos que dar grande atenção à nossa **resistência cultural**. O nosso Partido, desde o começo, tem dado grande atenção a isso, e tomou nesse sentido medidas importantes, a partir do Congresso de Cassacá, embora mesmo antes tenhamos aconselhado que para avançarmos na nossa luta devíamos fazer a **resistência cultural**. Aliás devemos dizer concretamente, que a própria criação do nosso Partido, que planificou e avançou a nossa luta de libertação nacional, é um facto de cultura. É uma prova clara da **resistência cultural**, porque nós queremos ser nós mesmos, africanos da Guiné e Cabo Verde e não tucas. A nossa cultura não é a cultura dos tucas, embora a nossa cultura tenha hoje em dia alguma influência da cultura dos tucas. Portanto, todos os nossos combatentes, responsáveis e militantes conscientes, devem saber claro que a nossa luta, é também **resistência cultural**, se não o principal aspecto da nossa **resistência cultural** — a luta armada».

«Devemos trabalhar muito para liquidar na nossa cabeça a cultura colonial, camaradas. E queiramos ou não, na cidade ou no mato, o colonialismo meteu-nos muitas coisas na cabeça. E o nosso trabalho deve ser tirar aquilo que não presta e deixar aquilo que é bom. Porque o colonialismo não tem só coisas que não prestam. Devemos ser capazes, portanto, de combater a cultura colonial e deixar na nossa cabeça aquele aspecto de cultura humana, científica, que porventura os tucas trouxeram para a nossa terra e entrou na nossa cabeça também».

«Concretamente, por exemplo: eu sou africano, podia ser que, como outros africanos que há ainda, eu me convencesse de que para que certas coisas passassem na minha vida era preciso que eu satisfizesse a vontade do «iran», e o «iran» diz que aquilo que eu lhe pedi na nossa conversa, só pode realizar-se se eu tirasse esmola duma rapariguinha de três anos (que já passa três tchuba), para matar, para fazer sacrifícios e, então, tudo aquilo que eu quero pode realizar-se. Isso ainda existe em África e, se virmos bem, talvez exista ainda gente que acredita nisso na nossa terra. Lembro-me de um camarada chamado Alfucene que mandámos para a luta no Gabú, lembraste Lúcio? Um dia procurou-me para dizer que o «iran» no Gabú não queria que lá lutássemos, a não ser que o filho dele fosse sacrificado. Eu interpretei isso da seguinte maneira: ele originário do Gabú, estava à procura de uma maneira de ser chefe, porque queria ser chefe no Gabú, e então quis mostrar que o «iran» tinha interesse no seu filho, portanto ele é que devia ser chefe. Eu disse-lhe: camarada, se é assim que vamos lutar no Gabú, vamos nós buscar esse «iran» até o encontrarmos, para matar, porque isso é um «iran» dos tucas, foi o tuga que o pôs lá, não é da nossa terra».

«Mas podia ser que eu, como africano, tivesse ainda isso na cabeça. Neste momento mesmo, eu que falo assim, nalgumas terras da África há crianças que são mortas para satisfazer a vontade do «iran». Eu nunca tive isso na minha cabeça. E desenvolvi-me em África mas aprendi o seguinte: — O mais maravilhoso, o mais delicado que há no mundo, são as crianças. Às crianças devemos dar o melhor que temos. Devemos educá-las para se levantarem com o espírito aberto, para entenderem as coisas, para serem boas, boas, para evitarem toda a espécie de maldade. Portanto eu tenho obrigação de defender na minha terra, todas aquelas pessoas que meterem na cabeça esse aspecto cultural».

Pedro Pires presidiu às cerimónias do 20 de Janeiro

PRAIA — Enquadrado nas comemorações do terceiro aniversário do assassinato do nosso saudoso «leader», camarada Amílcar Cabral, realizou-se na Assomada um comício presidido pelo camarada Pedro Pires, membro do CEL do PAIGC e Primeiro-Ministro da República de Cabo Verde.

A Emissora Oficial fez a transmissão directa e integral das intervenções dos camaradas José Maria Martins, António Pereira Neves e Pedro Pires. No final do comício os camponeses ofereceram produtos da terra, seguindo-se um desfile de tabancas.

Ainda no âmbito das comemorações do Dia dos Heróis Nacionais foi aberta uma exposição de fotografia e artesanato na Praça 12 de Setembro. No Cine-Teatro Municipal da Praia, o Departamento de Organização e Ideologia do Partido dirigiu uma sessão cultural que abrange também projecção de um filme sobre aspectos da actividade do camarada Cabral.

“NA GUERRILHA DA GUINÉ-BISSAU”

— UMA REPORTAGEM DE BASIL DAVIDSON

O jornalista e escritor inglês Basil Davidson continua no nosso País, visitando o interior, tomando contacto com as nossas novas realidades, para posteriormente escrever sobre elas. Do que pensa das lutas de libertação nacional em África, do que pensa da nossa própria luta e do homem que a dirige, o camarada Cabral, se diz na entrevista com ele realizada e que publicamos também nesta edição.

Mas para que os leitores conheçam melhor a personalidade e o estilo do escritor, nomeadamente para os que não tiveram ainda ocasião de ler o seu clássico livro «Libertação da Guiné», publicamos parte de uma reportagem que realizou na nossa terra no mês de Novembro de 1972, durante a visita às regiões libertadas do Sul.

A reportagem saiu no jornal «Le Monde Diplomatique», de Fevereiro de 1973, sob o título: «Na guerrilha da Guiné-Bissau».

Naquele dia de Novembro, após uma difícil caminhada que tinha começado cerca do meio-dia, atingimos a costa ao pôr do sol. Uma longa corrente escura de quase 1 km de largura separa-nos ainda do continente e do fim da nossa marcha. O céu está claro por cima deste largo braço, do oceano, pois a estação das chuvas de 1972 atinge o fim. Do outro lado, iluminando a noite como cogumelos fosforescentes, avistamos pequenos círculos que no horizonte difundem as luzes das casernas portuguesas: Catió e Bedanda dum lado, Cabdul e Cacine do outro.

Flageladas por todos os lados pela guerrilha, essas casernas não têm, há muito tempo nenhuma comunicação entre elas, excepto os comboios navais que vêm de Bissau uma vez por semana e algumas raras saídas de helicópteros. Esta noite vamos atravessar o braço de mar e aproximarmo-nos de duas delas. Amanhã continuaremos de dia, utilizando as vias de comunicação habituais do PAIGC, que contornam as casernas três ou quatro quilómetros. Por agora temos uma hora para nos restabelecermos e repousarmos um pouco.

Sentamo-nos na varanda de uma grande casa da aldeia; o nosso grupo compõe-se de duas dúzias de soldados do PAIGC, de dois ou três quadros políticos, de um dirigente do Partido, Vasco Cabral, responsável da secção de planificação económica do movimento, e eu próprio o único estrangeiro. Apoiamo-nos uns nos outros, por estarmos todos arrasados, e ficamos contentes ao ver três mulheres da casa trazerem «cabassas» cheias de arroz e pernas de frango assado. Esta guerra tem momentos de uma paz e de uma simplicidade prodigiosas. Este é um deles.

NADA DE ROMANESCO

Não muito longe dali, talvez a uns 15km, uma batalha de artilharia está no auge. Arafan Mané, o responsável do nosso grupo, explica-me as razões disso. O comandante chefe português, general António Spínola, concentrou o grosso das suas forças desta região em Catió, sobre o estuário do rio Cubidjam, que desagua no braço de mar que vamos atravessar. Actualmente, parece que ele prepara uma grande ofensiva, na qual devem tomar parte tropas vindas de Bissau. É por isso que ele pretendia alcatroar os 8 km de estrada que separam Catió de Cufar onde se encontra a única base aérea de que ele dispõe, para além de uma pequena guarâniao.

Uma estrada alcatroada assegurar-lhe-ia provavelmente uma comunicação terrestre entre Cufar e Catió, pelo menos por um certo tempo. Deste modo, poderia utilizar o campo de aviação para reabastecer Catió, e vice-versa, o que lhe facilitaria a ofensiva. O exército do PAIGC, que se apercebeu perfeitamente da manobra, decidiu impedir o alcatroamento da estrada.

Este esforço prosseguirá durante a maior parte da minha estadia na região diariamente ele continuava seguindo um ritmo imutável. Ao fim da tarde dois ou três bombardeiros Fiat.91 vindos de Bissau, apareceram, lançando bombas na floresta que se estende dos dois lados da estrada que liga Cufar a Catió; em seguida, põem-se a metralhar sempre às cegas.

Incapaz de localizar com precisão unidades do PAIGC, a aviação de Spínola reduz-se apenas a bombardear ao acaso. Desde o fim do ataque aéreo, ao pôr do sol, as unidades do PAIGC entram por sua vez em acção e bombardeiam os quartelamentos portugueses e a estrada que os separa, com ajuda de «bazookas», de morteiros, mais raramente, de «rockets» de 22mm. Estes reconhecem-se mesmo de longe, pela violência das suas explosões. Hoje ouvimos vários.

Estamos descansados e refeitos, e o momento de atravessar chegou. O homem de quem fomos hóspedes na aldeia é responsável por todas as idas e vindas de barco na localidade, pois o PAIGC nunca deixa este género de coisas ao acaso; ele vem avisar-nos que as canoas estão prontas para a partida. É um lavrador de arroz, temperado na luta, cuja face se abre num largo sorriso: ele sente-se manifestamente orgulhoso das suas responsabilidades.

«Outrora, diz-me Arafan, quando os portugueses tentaram desalojar-nos de Como, em 1964, foi este homem que conseguiu sempre fazer-nos chegar às mãos vivas e munições do continente com a sua canoa».

Desde então os portugueses nunca mais puseram pés na ilha do Como, nem em nenhum outro ponto daquela zona, desde 1964. São regiões libertadas que têm por trás delas 8 anos de autonomia completa. sou o primeiro europeu a ter penetrado ali desde a visita em 1964 dum notável cineasta francês.

As canoas fazem frente à maré cheia. Embarcamos em silêncio e deslizamos sobre as águas cinzentas e calmas que apenas são iluminadas pela claridade de um luar incerto pelas luzes longínquas dos quartelamentos portugueses. Trata-se de uma mudança que não apresenta o menor traço de romanesco que se dá muitas vezes às operações de guerrilha em consequência de um terrível mal-entendido. Ao desembarcar do outro lado, mergulhamos imediatamente na sombria realidade, do lado no qual nos enterramos até aos joelhos, e da fadiga que entorpece todos os membros coisas que nada têm de romanesco por mais que forcemos a nossa imaginação.

UM ÊXITO BASEADO NA MOBILIZAÇÃO DAS MASSAS CAMPONESAS

Dezasseis anos após seis homens terem sido os primeiros a iniciar o que se tornaria «longa-marcha» do PAIGC, a que ponto chegou o movimento?

O PAIGC foi fundado no maior segredo em Bissau no decorrer do Outubro-Novembro de 1956. Em França a IV República acabava de promulgar o estatuto que abria

a via da independência política à África francesa. Na Grã-Bretanha, o governo acabava de conceder ao Ghana a sua independência política e apressava-se a fazer a mesma concessão à Nigéria. Tudo aquilo não era senão um anátema aos olhos de Portugal de Salazar, cujo governo continuava a afirmar que as colónias de Portugal eram províncias orgânicas da metrópole, encontravam-se na Europa e não em África e gozavam consequentemente da independência que era de desejar. Depois de ter tentado, em manifestações de rua e greves ilegais, para obter apenas, como resposta, as balas da polícia colonial, o punhado de homens que tinha fundado o PAIGC chegou logo à conclusão de que deviam preparar-se para a sublevação armada. Em vão eles pediram reformas. Enveredaram, pois, na via da Revolução, mesmo que nessa época eles não tivessem senão ideias bastante imprecisas sobre a maneira como esta revolução poderia ser levada a cabo.

90% DE CAMPONESES

Sobre este ponto, eles tinham mesmo assim uma ideia bem definida: concluíram que não poderiam obter qualquer êxito senão com a condição de poderem mobilizar a população rural nos campos. Hoje isso parece ser a sua própria natureza. A população da Guiné-Bissau era rural em mais de 90%, somente 0,03% eram «assimilados» pela sociedade portuguesa e a maior parte dos «assimilados» tinham emigrado depois de terem conseguido pequenos e tranquilos empregos na metrópole ou nas suas colónias portuguesas. Para o restante da população, as cidades da Guiné-Bissau apresentavam-se confusas e pouco encorajantes: pessoas mais ou menos desenraizadas cuja convicção mais unânime era a de que, quaisquer que fossem as aptidões manifestadas pelos negros, nunca seriam suficientes para tirar aos brancos as posições que estes estavam firmemente decididos a conservar. [...]

Não é no âmbito restrito deste artigo que nós podemos descrever, mesmo resumidamente, tudo o que foi feito de 1959 a 1972. Basta dizer, com brevidade, que os pioneiros do PAIGC se lançaram convictamente na mobilização das massas camponesas e que, com grandes e duros esforços, acabaram por vingar.

Em 1967, data da minha primeira visita, eles já tinham alargado consideravelmente a extensão das zonas libertadas e, ao mesmo tempo, as estruturas do governo autónomo, da instrução primária, dos serviços de saúde, da organização comercial e de outras actividades do mesmo tipo.

Depois, prosseguiram firmemente na mesma via. Hoje, creio que se pode afirmar com razão que o PAIGC exerce um controlo político e militar efectivo sobre a maior parte das regiões rurais do país, e que está pronto a desencadear operações que reforçarão as posições que ele já tem e alargará a sua influência a Bissau e a outras cidades ocupadas. [...]

Há algumas semanas vi os seus responsáveis, desde Cabral até aos escalões inferiores cheios de confiança serena. E, quando se partilha a vida dos acampamentos e aldeias, não é difícil compreender porquê. Os anos heróicos, das primeiras lutas, do seu esforço solitário e largamente ignorado do resto do mundo, pertencem agora ao passado. Hoje, eles vêm abrir-se pelas aldeias incendiadas, as perspectivas de anos de reconstrução, no decorrer dos quais irão fazer face a problemas de outro tipo, problemas como os que se

põem em tempo de paz. A longa marcha deste movimento nacionalista revolucionário entrou numa nova fase.

UM ARGUMENTO DE VENCIDOS

Se se lhe pergunta ainda mais uma vez porque não ganhou esta guerra, no qual empenhou um exército mais importante que alguns dos que os Estados Unidos empregaram no Sul do Vietname «isto comparando as populações de Portugal e dos E.U.A.», o regime português defende com uma segunda explicação. Pois, se os pressionarmos, os portugueses acabam por reconhecer que a população rural apoia o PAIGC; mas, acrescenta unicamente porque o PAIGC a aterroriza.

Isto não é mais que o argumento de homens que se recusam a encarar a realidade da sua derrota. Se o PAIGC a ganha, não é senão porque uma parte cada vez mais importante da população abraçou, voluntariamente, a sua causa.

Percorrendo as regiões controladas pelo PAIGC, o visitante encontra em cada instante a prova disso. Mas a este respeito nada nos convence mais que as ideias e acções dos próprios fundadores do PAIGC — Amílcar Cabral, o seu irmão Luiz, Aristides Pereira, Bernardo Vieira, Osvaldo Vieira e outros — que dirigiam o movimento após a sua fundação nos anos 50. Estas ideias, estas acções, depressa nos apercebemos, estão ligadas ao desejo de ver alargar e intensificar ainda o grau de participação já elevado que obtiveram até agora.

«Nós somos militantes, não militares», disse Amílcar Cabral. Esta frase de uma clareza característica, é uma lição fundamental para os homens e mulheres que eles admitem nos postos de responsabilidade. Pois como ouvi repetir dezenas de vezes no decorrer de múltiplas reuniões, a libertação não tem valor enquanto ela não implicar uma libertação do espírito: Um aumento da capacidade que cada um deve ter de pensar e agir pelas suas próprias forças. Elas voltam sempre a este ponto: para eles, obedecer a «ordens de fora» seria uma traição a tudo aquilo que os faz agir, e, acima de tudo, o seguro convite à derrota. Estas ordens, com certeza que seriam cumpridas nas regiões libertadas pois, não satisfeitos de representar aí o exército, o PAIGC goza de um considerável prestígio; mas as ordens de fora não educam.

Para quem gosta de teoria revolucionária e da sua realização na prática estas ideias e acções têm implicações cujo interesse é muito mais que simples curiosidade. No seu começo, como é sempre o caso das minorias com intenções revolucionárias, os pioneiros do PAIGC tiveram que representar a «vontade nacional». Tanto mais que nessa época eles eram (como dizem invocando os velhos tempos) «nacionalistas sem nação», e o continuariam a ser por muito tempo. Procedendo a esta «substituição», eles não esqueciam a sua própria fraqueza.

E quando Frantz Fanon e outros apóstolos bem intencionados os exortavam, em 1960/61, a «pe-lo menos começar», eles recusaram obstinadamente a movimentar-se, mesmo tendo em conta que isso lhes iria custar preciosos apoios. Enquanto alguns imagiavam que os camponeses da Guiné-Bissau estavam prontos a «juntar-se ao primeiro tiro da

(Continua na pág. 8)

O escritor inglês Basil Davidson de visita ao nosso País

Basil Davidson, historiador e jornalista inglês, especialista em assuntos africanos (sobre o qual escreve, designadamente, na revista francesa «Afrique/Asie») e grande amigo do PAIGC, encontra-se entre nós, para observar pessoalmente a construção de uma sociedade nova na Guiné-Bissau. Tal como em 1967, em plena luta, contra todos os riscos físicos e políticos, quis observar pessoalmente a vida nas regiões libertadas do Sul do País. Desta visita nasceu o livro «A libertação da Guiné», traduzido recentemente para português pelas edições Sá da Costa, de Lisboa.

Num momento em que em África se jogam já não apenas os destinos dos povos africanos mas talvez os destinos do mundo, é de todo o interesse ouvir povos africanos mas talvez os destinos do mundo, é de todo o interesse ouvir a palavra deste homem, cuja solidariedade militante para com os povos oprimidos pelo colonialismo e imperialismo tem sido a característica fundamental da sua obra.

O problema angolano, a influência de Amílcar Cabral no desenvolvimento das ideias revolucionárias no Continente, o papel dos movimentos de libertação nacional na destruição das relações coloniais e neo-coloniais e na edificação de uma África livre foram alguns dos temas abordados por Davidson, na entrevista que nos concedeu à chegada ao aeroporto de Bissau, acompanhado pela sua esposa e companheira de trabalho, onde o aguardava o camarada Pedro Pires.

«É uma grande alegria estar aqui, na Guiné-Bissau completamente liberta do imperialismo, e poder ver os camaradas e amigos na liberdade e na independência», começou por nos dizer Basil Davidson.

Respondendo a uma pergunta sobre os objectivos da sua visita, declarou: «Vimos para observar como vão as coisas por aqui. Estive cá pela última vez em Agosto de 1974, precisamente no momento da libertação. Para nós, é duma grande importância darmos-nos conta do vosso êxito após a independência, para poder explicar aos nossos camaradas na Grã-Bretanha o que se faz aqui, e onde se pretende chegar».

Basil Davidson exprimiu as suas perspectivas acerca do alcance da vitória alcançada pelo PAIGC e por outros movimentos de libertação das antigas colónias portuguesas, dizendo:

«Creio que os movimentos de libertação nacional — o PAIGC, a FRELIMO e agora também o MPLA — conseguiram alcançar uma importante etapa para os seus países e para a própria África mostrando o caminho para uma independência real, que

"O PAIGC MOSTROU O CAMINHO PARA A INDEPENDÊNCIA DA ÁFRICA"

será muito diferente da independência neo-colonialista que no passado vimos noutros países. A mobilização dos povos nos territórios que se encontravam sob a dominação portuguesa pelos movimentos de libertação foi uma das coisas mais importantes que aconteceram na África nos últimos tempos. Esse sucesso mostra que se encontram em posição de alcançar uma segunda etapa para uma independência que será real, uma etapa para o fim da exploração do homem pelo homem.

CIMEIRA DA O.U.A.: UMA VITÓRIA DIPLOMÁTICA

Referindo-se à questão de Angola, Basil Davidson começou por observar que a população inglesa se encontra mal informada a este respeito, «porque a imprensa imperialista e burguesa não gosta da verdade sobre Angola».

«Mas, acrescentou, nós, os que somos camaradas do MPLA, sabemos que o único caminho para Angola é a independência sob a direcção deste movimento. Isso

Sul e outros países capitalistas. Estas agressões, estas intervenções, contam, evidentemente, com o apoio dos traidores locais. (Os homens de Holden Roberto, os homens de Savimbi, a meu ver, são traidores à independência angolana)».

Falando sobre a situação actual naquele país e particularmente sobre a recente Cimeira da O.U.A., Basil Davidson disse:

«Segundo as notícias destes últimos dias, as coisas correm a favor dos nossos camaradas. No plano diplomático, conseguiram vencer uma importante etapa para o reconhecimento da República Popular de Angola. O próprio debate na OUA teve um lado bastante positivo. O inimigo, o imperialismo, quis impôr à OUA a pretensa solução a que chama «reconciliação» entre o MPLA e os seus inimigos. Mas o MPLA e os países amigos conseguiram afastar esta tentativa e trazer a lume a verdadeira questão: a África de um lado e o imperialismo do outro. Evidentemente, há ainda um longo caminho a percorrer. Vemos que

quanto que nem um único país, mesmo entre os países imperialistas, ousou reconhecer esse governo fantoche da UNITA e da FNLA. Portanto, no plano diplomático, podemos dizer que foi um êxito».

Acerca da situação militar em Angola, o jornalista inglês afirmou:

«Tanto quanto sei — porque nos chegam poucas notícias a Inglaterra — o MPLA conseguiu nos últimos dias reprimir a invasão pelo Norte, conteve e reprimiu a invasão das tropas sul-africanas, pelo Sul, e também fez progressos no Centro. Penso que, embora seja um crime contra o povo, infelizmente esta guerra de intervenção vai continuar durante algum tempo. É preciso não termos ilusões. O imperialismo vai prosseguir os seus esforços para minar a independência da República Popular de Angola. Mas, de momento, pode dizer-se que a situação é promissora: os nossos camaradas ganham as batalhas. Cabe-nos apoiá-los».

nosso grande Líder, o historiador inglês refere-se à sua personalidade nos seguintes termos:

«Para a minha camarada e para mim, falar de Amílcar Cabral é fácil e ao mesmo tempo difícil. É difícil porque se tratava de um homem extraordinário, de uma importância capital, não só para a África, mas para todos os povos. Falar sobre um homem desta envergadura é realmente difícil».

«Por outro lado, é para nós agradável para — não dizer fácil — falar dele, uma vez que tivemos a honra e a alegria de o conhecer, desde os anos 60. Ele foi a Inglaterra em 1960, quando a luta estava no início, usando um nome que não era o seu: o nome de Abel Djassi. Abel Djassi viveu connosco durante alguns meses e tornámo-nos amigos íntimos. É para mim uma alegria poder dizer que essa amizade continuou até ao triste momento do seu cobarde assassinato, em 1973. Durante todo este tempo, mantivemo-nos em contacto com ele e eu vim aqui em 1967 para visitar as zonas libertadas do Sul. Pessoalmente, foi uma amizade que contou enormemente para nós. Penso frequentemente em Amílcar Cabral e leio regularmente os seus escritos».

Em geral, para todos nós, homens e mulheres que lutamos por um futuro diferente, um futuro melhor, a importância de Amílcar Cabral projecta-se em duas direcções: Primeiro, foi ele o fundador, o chefe, o guia do PAIGC, e o PAIGC mostrou o caminho para independência da África. Em seguida, e num sentido mais lato, ele soube analisar a verdade histórica da África colonizada pela Europa, colonizada pelo capitalismo, colonizada indirectamente pelos Estados Unidos. Soube analisar tudo isso de um ponto de vista marxista, com uma grande originalidade. Tinha um espírito criador. Era um homem que sabia realmente pensar. Uma coisa que retenho sempre: quando se tinha uma discussão com ele, insistia sempre em analisar em primeiro lugar a situação real em que nos encontrávamos nesse momento — Onde estamos? Quais são os dados reais deste problema?

«Da análise da realidade, dos problemas, naquele lugar, naquele momento específico, deduzia ele os princípios de acção».

«Creio que ele teve e continuará a ter para todos os povos uma influência absolutamente capital, na sua análise se das realidades, dos problemas com que se confrontam em cada momento, para uma unidade cada vez mais larga e um progresso cada vez mais real».



RESTITUIR AOS AFRICANOS A SUA PRÓPRIA HISTÓRIA

Por fim, Basil Davidson, que confessa «escrever continuamente», falou-nos sobre o seu próximo livro. O tema é, uma vez mais, a África.

«Sou historiador por profissão. Tento explicar ao público, sobretudo na Grã Bretanha a história de África, tal como se desenrolou no passado. Desde há alguns anos tenho tido a oportunidade — que me deu muita satisfação e também muito trabalho — de seguir os acontecimentos e o desenvolvimento dos movimentos de libertação em África, sobretudo nos países sob a dominação portuguesa. Mas não só. Creio que os movimentos de libertação em África, tal como o próprio Amílcar Cabral gostava de dizer têm vocação para se tornar uma coisa mais larga. Assim, fomos a Somália, fomos à Argélia, fomos à Tanzânia... para ver as diferentes condições de sucesso desses movimentos de libertação nacional que, no fundo, têm de ser revolucionários para refazer a África não segundo a imagem de outro país, mas para aos africanos a sua própria história».

«Neste momento, estou a escrever um livro — no qual venho trabalhando há vários anos — destinado a explicar, na medida do possível, o desenvolvimento das ideias políticas da África tropical no século XX».

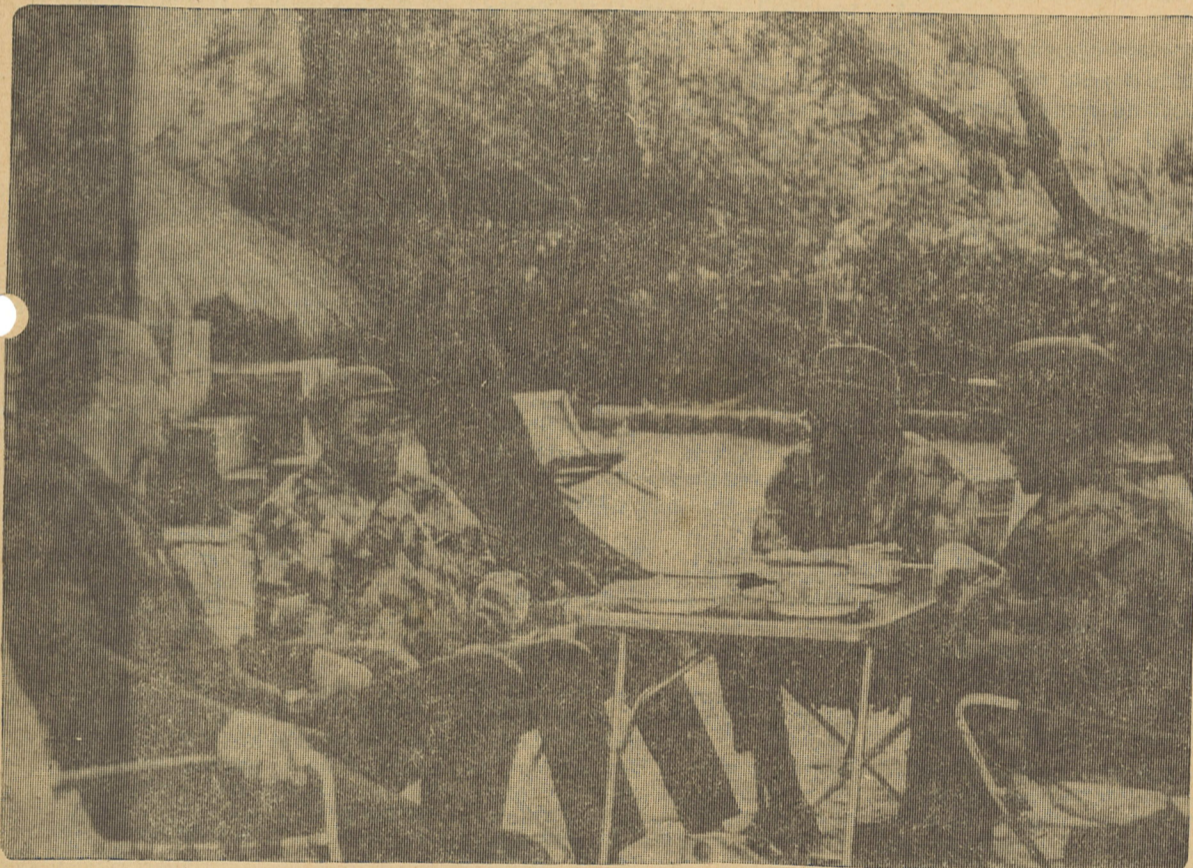
Começa há 60 ou 80 anos, no momento dessa intervenção, desse interlúdio que é o colonialismo. Os Africanos encontram-se desligados da sua história».

Eles têm de partir — como dizia Amílcar — da história dos outros».

«A tarefa dos movimentos de libertação nacional na África é redescoberto essa história e restituí-la ao povo. Procuro explicar o desenrolar das ideias políticas nacionalistas. Que começaram a desabrochar nos anos de 1870 ou 1880, num sentido que podemos chamar reformista».

«Nessa altura, ou mesmo antes, nos anos 50 e 60, dizia-se «Bem, nós vamos ter a independência, necessariamente temos de aceitar a estrutura e as instituições que existem.» Quer dizer: tomou-se o Estado colonial dando-se-lhe o nome de Estado nacional. Assim se formaram forçosamente estados neo-colonial em muitos países, porque se aceitou a base política e económica que existia sob o colonialismo».

(Continua na pág. 8)



O escritor inglês Basil Davidson numa das visitas que fez ao nosso país durante a luta de Libertação Nacional, com o fundador e militante número um do PAIGC, camarada Amílcar Cabral, numa região libertada. Na foto vê-se ainda o camarada Mário de Andrade

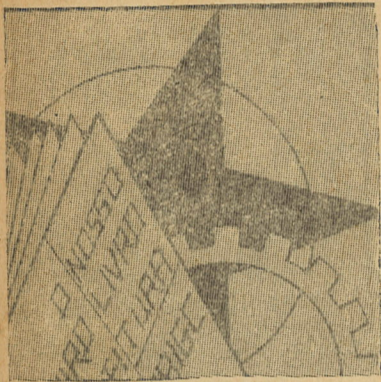
é evidente. Angola está em guerra contra o imperialismo, ou seja contra o Zaire e todos os que apoiam o Zaire, como os Estados Unidos, e contra a África do Sul, dois países que, sob a pressão do imperialismo, invadiram Angola. Os camaradas do MPLA são obrigados a fazer esta segunda guerra de libertação. A primeira guerra foi contra o colonialismo; a segunda é contra o imperialismo montado pelos Estados Unidos, pela África do

alguns países em África ou estão do lado do imperialismo, como o Zaire, ou estão hesitantes. Ou porque são demasiado fracos ou porque os seus governos não querem tomar iniciativas claras. Contudo, no plano político e diplomático internacional, acho pessoalmente que os resultados foram muito positivos. Agora, já temos o reconhecimento da República Popular de Angola por muitos países, de todo o mundo, em África e fora de África. En-

AMÍLCAR CABRAL: «UM ESPÍRITO CRIADOR»

Basil Davidson tornou-se amigo pessoal de Amílcar Cabral quando, em 1960, este se deslocou a Londres, à procura de apoio para o PAIGC. A amizade e solidariedade entre os dois homens é descrita com singular beleza no prefácio que Amílcar Cabral escreveu para o livro de Basil Davidson sobre a Guiné.

Três anos depois da morte do



ESCREVE SOBRE...

Um erro tipográfico, indicava a data limite para entrega dos trabalhos o dia 20 de Janeiro. Aqui vai a correcção:

Poderás entregá-los até ao dia 29 deste mês. Ainda estás pois a tempo de o fazeres.

ANO I DA ORGANIZAÇÃO

PÁGINA SEMANAL DO COMISSARIADO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Contos e lendas da nossa terra

Havia em certo lugar, um homem chamado Demba que vivia com suas mulheres e filhos numa morança longe de qualquer povoação, mas satisfeito porque a vida lhe corria tranquila, o gado se multiplicava por tal forma que possuía um belo rebanho e os campos de cultivo se mostravam fertilíssimos, banhados como eram, por dois rios, o Cobricó e o Jábrija que limitavam as suas pontas.

Demba atribuía a sua sorte à protecção do Irã que habitava num grande poílão de cujo tronco trouxera um dia a família, o gado e todos os outros haveres, e, reverentemente dissera:

— «Tudo quanto tenho é teu. Tu és o meu irã. Peço-te que me protejas e aos meus».

Tudo corria bem, até que a certa altura chegou à região um grupo de laibé (construtores de canoas), cuja vizinhança era a pior possível pois que, além de ladrões eram feiticeiros.

Se Demba já antes invocava frequentemente o irã, agora fazia-o com muito mais fervor e, todos os dias, quando alguns dos seus rapazes iam pastorear o gado, dirigia-se ao poílão e perguntava se naquele dia deveriam dirigir-se para as margens do Cobricó ou para as do Jábrija.

O irã indicava um ou outro dos rios mas, depois que os laibés chegaram, o resultado era sempre o mesmo: ao fim do dia verificava-se a perda de uma cabeça de gado.

Eram os terríveis vizinhos que se transformavam em crocodilos e traiçoeiramente arrebatavam um dos bois quando eles iam beber água ao rio.

Demba continuava sem dúvida a ter confiança inabalável no irã, mas a perda constante do seu gado e a suspeita de que, por qualquer motivo que desconhecia, incorreria no desagrado do seu protector, fê-lo entristecer.

A sua saúde, até então robusta, foi declinando e morreu prematuramente.

Seus filhos certos de cumprirem a vontade paterna, continuavam quotidianamente a dirigir-se ao poílão, afim de saberem onde poderiam, com segurança conduzir os animais isto por mais que o resultado continuasse desanimador.

Um dia os laibés, sem medo nem vergonha, cortaram a árvore sagrada e dela fizeram uma grande canoa. Só deixaram acima do solo uns palmos de tronco que foi pouco a pouco secando. Mas os filhos de Demba nem por isso permaneceram menos fiéis ao irã que ali habitava.

E perguntavam-lhe religiosamente a qual dos rios deviam levar os seus bois a pastar e a beber. E o resultado era invariavelmente igual.

Até que os laibés, que por qualquer motivo tiveram de abandonar a região, foram à morança da família de Demba e levaram consigo não só o gado que restava, mas também as mulheres e os rapazes.

Finalmente o tronco ressequido do poílão deixou de ter alguém que o adorasse.

Devemos lembrar que não chega produzir, ter a barriga cheia, fazer boa política e fazer a guerra. Se o homem, a mulher, um ser humano — faz tudo isso, sem ele próprio avançar como ser inteligente, como primeiro ser na natureza; sem ele próprio sentir que cada dia aumentam na sua cabeça os conhecimentos do meio, como do mundo em geral, quer dizer sem ele avançar no plano cultural, tudo aquilo que faz — produzir, fazer boa política, combater — não dá resultado nenhum.

A. CABRAL

A SEMANA DOS HERÓIS NACIONAIS

Conforme noticiámos na nossa primeira página decorreram na passada semana de 12 a 19, em todas as nossas Escolas, inúmeras manifestações tendo como tema os nossos Heróis Nacionais.

Decoradas com cartazes, distícos e jornais de parede elaborados por alunos, professores e funcionários, as nossas escolas apresentavam um ar festivo que nos apetece desejar que convertamos todos os nossos dias, em dias 20 de Janeiro.

Para além disso os alunos constituídos em grupos de trabalho, entrevistaram Camaradas combatentes que viveram de perto com os nossos Heróis, reconstruindo o que foi a sua luta pela libertação da nossa terra e, produziram alguns trabalhos verdadeiramente bons que contamos dentro em breve começar a publicar.

Ao longo da semana realizaram-se também comícios dedicados ao tema: «Amílcar Cabral — O Homem e a Obra», nelas tendo participado os seguintes camaradas:

Juvêncio Gomes — Presidente da Câmara de Bissau

José Maria Conceição — Direc-

tor de Centro de Estudos Afro-Asiáticos do Brasil.

O camarada Luiz Cabral, Presi-

ram palestras nas dez escolas com maior número de alunos na região de Bissau.

HERÓI DESCONHECIDO

Nascido num recanto qualquer da Guiné-Bissau, numa data qualquer.

Cresceu e viu a opressão experimentando-a na carne, no sangue, na alma e no coração.

No íntimo do herói desconhecido nasceu a revolta e o caminho da revolução traçou-se violenta e maravilhosamente.

Amílcar Cabral dá-lhe uma arma e ele agarra-a fortemente; no ar brande o seu punho forte e grita a vitória a plenos pulmões, com a face comprimida numa careta violenta e o coração sedento de liberdade e de uma vida nova. Ele tomba no campo de batalha.

Herói desconhecido, se existe a eternidade da alma que a tua repouse em paz, pois a tua obra concluiu-se, a tua Guiné-Bissau e o seu povo já desfrutam da liberdade que o sacrifício da tua coragem conquistou.

Trabalho colectivo do 2.º ano do Curso Geral de Agricultura da Escola Técnica Vitorino Costa.

CICLO PREPARATÓRIO

Alexandre Sampaio
Agnelo Regala

ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

Esta nova fase da luta em que nós todos, povo da Guiné e Cabo Verde, nos empenhamos, a construção de uma nova sociedade, está indissolivelmente ligada à luta por um novo sistema de ensino.

Dentro deste pensamento, Ano I de Organização tem vindo a trans. formar de acordo com os objectivos da nossa nova sociedade, todo o conteúdo e toda a organização escolar do então regime colonial.

É fundamentalmente necessário que os responsáveis, os professores e o povo em geral, reconheçam que finalidade e organização deve adoptar a educação, para estar de acordo com o desenvolvimento económico e lançar bases para a formação geral das crianças e da nossa juventude, que permitam no futuro a formação de técnicos, professores, agrónomos, médicos, etc, de que a nossa Pátria tanto necessita.

É esta a finalidade do Comissariado de Educação. É importante que todos conheçam que ao Comissariado da Educação corresponde a orientação, direcção, planeamento, supervisão e execução da política educacional e cultural de acordo com os objectivos do nosso Partido e do nosso Estado, pelo que, a sua missão fundamental é fazer da educação nacional

e cultura, uma junção do estudo, arte, ciência, cultura e impulso. nar de forma consequente a preparação massiva do nosso Povo para proporcionar desse modo, a formação do homem e da mulher novos de que necessita a nossa terra na Guiné e Cabo Verde, tendo por base o trabalho produtivo, e a solidariedade e fraternidade entre todos os Homens do mundo.

Para se poder dar cumprimento aos objectivos da educação, é indispensável dar um primeiro passo no nosso trabalho, que é, o da Organização Escolar.

A planificação do Comissariado de Estado da Educação Nacional e Cultura, neste Ano I de Organização, estará baseada na Organização por tipos e por níveis de ensino, na divisão de trabalho da direcção, na determinação de responsabilidades, na descentralização gradual dos serviços educacionais a nível de regiões e sectores, na centralização da direcção e da supervisão técnico-administrativa dos serviços, no método de trabalho colectivo de discussão democrática e, da responsabilidade individual e a participação das organizações de massa em todas as tarefas da educação.

Neste Ano I de Organização, já se deram os primeiros passos para a execução de alguns projectos, e que, na nossa próxima página começaremos a publicar.

dente do nosso Conselho de Estado, inaugurou uma exposição dos alunos do Ciclo do Bairro da Ajuda dedicada aos nossos Heróis Nacionais. Na sede do Ciclo, o camarada Mário Cabral, Comissário da Educação, descerrou uma lápide que dá o nome glorioso de Salvador Allende a esta escola.

LICEU

Hugo dos Reis Borges — Estudante do PAIGC na Jugoslávia
António Buscardine — Secretário-Geral do Comissariado da Segurança e Ordem Pública.

ESCOLA TÉCNICA

Domingos Brito — Secretário-Geral do Comissariado da Educação Nacional e Cultura.

INTERNATO DE BOR

José Duarte — Sub-Director do do Instituto da Amizade
Amin Saad — Sub-Director do Ciclo Preparatório.

No final desta sessão realizou-se um Programa Cultural pelos alunos do Internato.

ESCOLAS PRIMÁRIAS

Professores de Formação Militante do Ensino Liceal, efectua-

Há ainda a destacar no âmbito destas comemorações, a realização no passado Domingo de um dia normal de aulas na Escola Técnica e no Liceu e, a substituição dos nomes colonialistas que algumas das nossas Escolas ainda possuíam, por nomes e datas quer da nossa luta, quer da luta de todos os povos do mundo pela sua libertação. Assim e a partir de agora datas como o 3 de Agosto, 24 de Setembro, 11 de Novembro, 23 de Janeiro e, nomes como Kanhe Na N'Tunguê, Areolino Cruz, Domingos Ramos, Titina Silá, José Marti, Che Guevara, Máximo Gorke, Salvador Allende, Patrice Lumumba, Lenine, e outros, perpetuarão na memória dos nossos filhos, Factos e Homens, que tornaram mais possível o sonho supremo dos povos de todo o Mundo: SEREM LIVRES.

TODOS GANHAMOS

No passado dia 18, Domingo, a Escola Técnica Vitorino Costa e o Liceu Kwame N'Krumah, vencendo algumas dificuldades, ultrapassando convenções, foram um exemplo edificante do povo que somos, do povo que queremos ser.

Dispensando o seu direito ao descanso semanal, alunos, funcionários e professores, numa esmagadora maioria, fizeram do seu domingo um dia normal de aulas.

Nos dias em que se efectuou a mobilização para esse domingo de trabalho, algumas resistências houve que vencer. Mas como dizia um camarada professor, por cada aluno, por cada professor, por cada turma, que decidiu contra os seus hábitos tradicionais, participar nesse dia de trabalho, foi uma vitória que cada um de nós alcançou.

Vitória para quantos abdicando do baile, do domingo de futebol, do passeio apetecido, do descanso merecido, quiseram marcar a sua posição, dar o seu exemplo, na prática serem os filhos da Guiné por quem os combatentes se batem.

Os outros, aqueles para quem a atitude dos seus camaradas de trabalho nada disse, os que ficaram em casa sonolentos e inertes, esses a pouco e pouco ficarão isolados, porque não contribuindo para a nossa luta do dia a dia — feita de tantas dificuldades e de sacrifícios — não pertencerão ao nosso povo, porque eles já não são povo, tornaram-se estrangeiros na sua própria terra.

Portugal

Otelo Saraiva de Carvalho preso

LISBOA (AFP) — O ex-general Otelo Saraiva de Carvalho foi preso, devido à sua implicação nos acontecimentos de 25 de Novembro, foi anunciado oficialmente pelo Estado-Maior do Exército.

Segundo a mesma fonte, Otelo de Carvalho recebeu, na noite de segunda para terça-feira, ordem para se apresentar no Estado-Maior do Exército, onde foi preso. Encontra-se actual-

mente encarcerado na prisão militar de Santarém, a 70 quilómetros de Lisboa.

O inquérito do Conselho da Revolução sobre os acontecimentos de 25 de Novembro, publicado na noite de segunda para terça, acusa o ex-general Otelo de Carvalho de ter distribuído armas e munições aos pára-quedistas em rebelião, durante a crise de Novembro passado.

O capitão Sousa e Castro, porta-voz do Conselho da Revolução, admitiu que outras prisões poderiam ser feitas.

Nos termos do relatório do inquérito do Conselho da Revolução sobre os acontecimentos de 25 de Novembro, Otelo seria acusado de «conjura ou conspiração contra a segurança interna do Estado».

Ao longo do relatório, a participação do antigo general na «conspiração» é constantemente focada: a sua presença em duas reuniões preparatórias do golpe, nas noites de 21 e de 24 de Novembro, no COPCON. Nestas reuniões, teriam estado presentes os principais oficiais implicados na «conjura». Na madrugada de 25, «a acção foi desencadeada a partir do COPCON, que deu ordens de ocupação das

bases. [...] Todos os oficiais presentes no COPCON, incluindo o general Otelo de Carvalho, tinham a noção da gravidade da situação e das faltas que eles iam cometer», sublinha o relatório. «Por outro lado, a responsabilidade do general Carvalho na distribuição de armas e de munições aos pára-quedistas em rebelião contra o comando, foi comprovada», assinalam os investigadores.

DECLARAÇÕES DE OTELO

LISBOA — (AFP) — O major Otelo Saraiva de Carvalho pensa que a sua detenção «faz parte de uma ofensiva da direita que, pouco a pouco, eliminará todos os obstáculos que se lhe interpõem».

Esta declaração, publicada em vários vespertinos lisboetas na terça-feira à tarde, foi feita poucas horas antes da sua prisão, por alegada implicação nos acontecimentos de 25 de Novembro.

«Era necessário para a direita provar que houve um golpe militar. Implicaram-me nesse alegado golpe, embora sabendo-se que sempre me pronunciei contra qualquer tipo de aventuras



que abram o caminho à direita», sublinha Otelo de Carvalho.

O ex-general lamenta que a esquerda civil e militar não tenha conseguido nunca unir-se e salienta que os militares foram incapazes de construir a unidade entre o programa do COPCON e o do «Grupo dos Nove», do major Melo Antunes. Quanto aos civis, para Otelo, «é lamentável que os partidos que querem construir o socialismo em Portugal não tenham conseguido unir os seus esforços». Acusou o Partido Socialista, pelo seu «combate anti-comunista» de ter grandes responsabilidades nesta situação.

O major Otelo prevê que vai ser inaugurada, agora, uma «fase parlamentar», que «atrofiará todas as expressões da luta de classes», institucionalizando «uma democracia burguesa», que dará lugar «rapidamente a um autoritarismo de direita».

ZIMBABWE: CONVERSACÕES COM OS RACISTAS

SALISBÚRIA (A.F.P.) — As conversações constitucionais entre o governo rodesiano e a tendência da ANC favorável a Joshua Nkomo poderá durar várias semanas ou mesmo vários meses, declarou, na terça-feira em Salisbúria, o primeiro-ministro rodesiano, Ian Smith.

Smith, que fez esta declaração no final de uma sessão plenária que reuniu as duas partes, acrescentou que era justo dizer que «pequenos progressos suplementares» foram feitos no decorrer desta sessão.

«Examinamos um problema muito importante, e se progredimos a cada encontro, penso que é uma boa nova», acrescentou.

Pelo seu lado, Nkomo considerou igualmente que a reunião tinha permitido avançar um pouco, mas recusou-se a dar detalhes sobre este encontro.

Um comunicado comum publicado no final do encontro indica que a sessão foi consagrada, especialmente, à «representação parlamentar», mas não deu nenhum detalhe.

A declaração precisa que se realiza hoje novo encontro.

ARTE AFRICANA

MOSCOVO (TASS) — Abriu na terça-feira nas salas da Casa de Amizade dos Povos, em Moscovo, uma exposição de «Arte Africana». Esta exposição foi preparada e enviada pela UNESCO. Nos stands podem ver-se mais de 100 fotografias de máscaras rituais, objectos em marfim, pedra, madeira e em metal, verdadeiras obras mestras da arte popular do continente africano.

Na cerimónia inaugural, que se desenrolou na presença de chefes de várias missões diplomáticas de estados africanos acreditados na URSS, os representantes da Associação Soviética de Amizade com os Povos de África e a comissão da URSS para os assuntos da UNESCO, sublinharam o vivo interesse demonstrado pelos soviéticos pela história, cultura e vida dos povos africanos, assim como a cooperação frutuosa soviético-africana que se desenvolve.

PORTUGAL PREOCUPADO COM TIMOR-LESTE

NOVA YORK (TASS) — A representação permanente de Portugal nas Nações Unidas, endereçou ao Secretário-Geral da ONU uma carta que exprime a sua preocupação face à situação em Timor Leste. A carta precisa que a recente viagem empreendida pelo ministro indonésio dos Negócios Estrangeiros por Timor-Leste, ocupada em parte pelas tropas da Indonésia, marca o retorno da ingerência da Indonésia nos assuntos internos deste território, assim como uma grave transgressão por este país, das resoluções da Assembleia-Geral e do Conselho de Segurança da ONU sobre o problema de Timor.

Importa que a Indonésia evite as suas tropas e ponha fim à violação da integridade territorial de Timor-Leste. É só nesta condição que o seu povo poderá exercer livremente o seu direito à autodeterminação e à independência, sublinha, em conclusão, a carta.

KISSINGER EM MOSCOVO

WASHINGTON (A.F.P.) — O Secretário de Estado, Henry Kissinger, deixou Washington, na segunda-feira à tarde, com destino a Moscovo.

No decorrer da sua estadia em Moscovo, prevista para até sexta-feira, Kissinger apresentará aos dirigentes soviéticos propostas americanas, tendo em vista a assinatura de um tratado que limitará a proliferação de armas nucleares.

Médio Oriente debates no Conselho de Segurança

NOVA YORK (TASS) — O Conselho de Segurança das Nações Unidas prossegue o exame do problema do Médio Oriente. A maioria dos oradores insistiram sobre uma mudança real da conjuntura nesta região por um regulamento político integral do problema do Médio-Oriente, o que compreende a garantia dos direitos legítimos do povo árabe da Palestina e, especialmente, o seu direito inalienável de criar o próprio estado.

Os agressores israelitas devem evacuar urgentemente e de forma incondicional os territórios árabes ocupados em 1967, declarou, particularmente, Abdul Karim Alsheikhli, representante do Iraque. A luta dos povos árabes pela instauração de uma paz justa e duradoura no Médio Oriente é largamente apoiada pelos países socialistas, pelos estados não-alinhados, assim como por todas as forças da paz, sublinhou.

(Continua na página 8)

LÍBANO

A GUERRA CIVIL ALASTRA A TODO O PAÍS * O PRIMEIRO-MINISTRO KARAME DIMITIU-SE

BEIRUTE (TASS) — São assinalados em Beirute e nas outras regiões do Líbano, combates que opõem destacamentos

das forças nacionais patrióticas e unidades armadas dos partidos da direita.

Encontros particularmente intensos foram registados no centro comercial da capital e no quarteirão dos grandes hotéis. No final de um assalto prolongado de artilharia pesada e de morteiros, os destacamentos das forças da direita ocuparam o quarteirão muçulmano «Karantina», situado próximo do porto de Beirute. Mais de 60 cidadãos foram mortos. A maioria dos habitantes do quarteirão continuam sem abrigo.

CONVERSACÕES ASSAD-FRANGIE

BEIRUTE (AFP) — Os presidentes Soleiman Frangie e Hafez Al Assad tiveram uma conversa telefónica, na segunda-feira à tarde, a propósito das propostas sírias tendentes a instaurar um cessar-fogo global no Líbano, soube-se de fonte bem informada.

Estas propostas, poderiam resumir-se em cinco pontos:

1 — Cessar-fogo no conjunto do território libanês; 2 — Garantia do respeito do cessar-fogo pelo presidente Frangie no que diz respeito aos «Kataer» (falangistas libaneses, cujo chefe superior é Pierre Gemayel)

e o Partido Nacional Liberal (cujo chefe é Camille Chamoun); 3 — Garantia do cessar-fogo pelo presidente Assad no que diz respeito à resistência palestina e às forças islamo-progressistas; 4 — Levantamento do bloqueio aos campos palestinos de Tall Zaatar e de Jisr Al Bacha (nos arredores leste de Beirute) assim como à região Jiyeh - Damour - Saadiyate (na estrada Beirute-Saida, vinte quilómetros ao sul da capital) e o retorno à situação anterior no sector da Quarantaine e de Abattoirs (a norte de Beirute). O exército libanês deve ser encarregado dessas missões; 5 — Retirada dos homens armados e a supressão dos «aspectos militares» (barricadas, barragens, etc.) em todas as regiões.

KARAME DIMITIU-SE

BEIRUTE (TASS) — Rachid Karame, Primeiro-Ministro do Líbano, fez no passado domingo à tarde uma declaração rádio-televisada. Ele anunciou que apresentou a sua demissão e que tinha avisado o Presidente Soleiman Frangie. Rachid Karame disse que fez tudo o que podia para normalizar a situação no país, mas que os seus esforços revelaram-se vãos.

Aniversário de Luther King

NOVA YORK (TASS) — Toda a América progressista assinalou, na quinta-feira, o 47.º aniversário do nascimento de Martin Luther King, eminente personalidade pública dos Estados Unidos da América, combatente incansável pelos direitos dos negros americanos e Prémio Nobel da Paz.

Até ao seu último suspiro, o doutor Luther King não esmoreceu na sua acção pela melhoria das condições de vida, dos seus compatriotas oprimidos. Foi morto por uma bala atirada por um racista quando se preparava para falar aos operários negros em greve, na cidade de Memphis.

«Faz quase oito anos que Martin nos deixou, mas ele continua a viver nas centenas de escolas, de bibliotecas, centros culturais e educativos que têm o seu nome e existem no país inteiro», declarou Coretta King, viúva de Martin Luther King. «O essencial» prosseguiu, «é que se reforce a obra pela qual ele sacrificou a sua vida. A acção cresce contra a discriminação racial, a segregação, nas escolas americanas, para o cumprimento, no espírito e no papel, da lei sobre os direitos civis adoptados ainda em 1964».

«Infelizmente muitos artigos desta lei continuam a ser letra morta. Poucos esforços se fizeram para modificar a condição social da população negra dos Estados Unidos» notou Coretta King. Hoje, ainda, o negro é o primeiro a sofrer as dificuldades económicas com que os Estados Unidos se defrontam. São os negros que conhecem o desemprego, mais elevado, os despedimentos na indústria atingem, em primeiro lugar, os americanos negros. A taxa de mortalidade é mais elevada nos «ghettos» negros. «O homem negro continua a ser um pária na sociedade americana. Eis porque consideramos que a adopção pelo Congresso dos Estados Unidos, da lei sobre o emprego total e geral, apoiada activamente por toda a opinião negra, será o melhor monumento erigido a Martin Luther King», concluía a viúva do dr. King.

Angola - 4 de Fevereiro Jornada de solidariedade com a R.P.A.

LUANDA (TASS) — As forças Armadas da República Popular de Angola libertaram o norte do país dos bandos armados da FNLA, dos mercenários e dos intervencionistas estrangeiros. Os seus destacamentos deitaram por terra as armas e o material de guerra, e retiraram-se em pânico em direcção à fronteira do Zaire para encontrar refúgio. São numerosos os prisioneiros de guerra, que após sofrerem um controle, são reenviados para os seus lugares de origem. Segundo as suas declarações, os destacamentos armados da FNLA foram recrutados à força. Alguns soldados assim recrutados, metiam uma bala nas mãos ou joelho para não irem para a frente matar os seus irmãos. Outros refugiaram na floresta.

Os bandos da FNLA entregam-se à bandidagem e à violência no solo angolano. Queimam vilas inteiras, matando os seus habitantes.

As unidades da FNLA e os mercenários que operam no sul de Angola, em aliança com a UNITA, deixaram a linha da frente para se entregarem à bandidagem. Segundo novas provenientes de Huambo, os bandos da FNLA pilharam vários bancos, no total, perto de dois milhões de dólares. Encontros encarniçados opuseram-nos durante três dias aos destacamentos da UNITA, fazendo uma centena de mortos. Os homens da coluna «multinacional» de mercenários abandonaram em seguida Huambo e dirigiram-se em direcção à fronteira zambiana, entregando-se à bandidagem, quebrando a resistência dos destacamentos da UNITA e apelando à população contra os seus recentes aliados.

DECLARAÇÕES EM HELSÍNQUIA DE JOSÉ EDUARDO

HELSÍNQUIA (TASS) — O imperialismo americano apoia e incita a agressão contra a República Popular de Angola. São os imperialistas dos Estados Unidos que enviam reforços de 20 000 homens às tropas sul-africanas e bandos de mercenários, que combatem actualmente contra o Governo legítimo da RPA, são eles que os recrutam, armam e os enviam para Angola. Esta declaração foi feita por José Eduardo dos Santos, ministro dos Negócios Estrangeiros da República Popular de Angola, que interveio em Helsínquia durante uma conferência de Imprensa organizada pelo Conselho Mundial da Paz. A propaganda ocidental encarregou-se de afirmar que Angola é teatro de uma guerra civil. Por intermédio dos seus fantoches da FNLA e da UNITA, os imperialistas tentam liquidar a independência de Angola, sublinhou o ministro.

Respondendo a uma pergunta sobre a assistência acordada ao MPLA e ao Governo angolano

pela União Soviética e Cuba, José Eduardo disse que o Governo angolano é livre nas suas relações com os Estados. É seu direito soberano ter relações amigáveis e de coooperar com os países que desejam ajudá-lo sinceramente.

Respondendo a uma pergunta sobre o que pensa o Governo angolano a propósito do cessar-fogo, José Eduardo declarou que se trata de uma invasão do território angolano por tropas da África do Sul, do Zaire e por bandos de mercenários, que violam todas as leis internacionais. Neste caso, o cessar-fogo só poderá existir depois da retirada de todos os intervencionistas do território angolano, especificou.

Ultimamente, as Forças Armadas alcançaram uma vitória expulsando do território angolano tropas zaiotas, disse. Em Novembro último, na altura da proclamação da independência do país, contavam-se perto de 15 000 soldados zaiotas no norte de Angola, mas hoje o grosso foi expulso, continuou José Eduardo.

O povo angolano combaterá pela independência da sua pátria até que o último intervencionista seja expulso do seu território, sublinhou o ministro dos Negócios Estrangeiros de Angola.

DECISÕES DO C.M.P.

HELSÍNQUIA (TASS) — A reunião extraordinária do Bureau do Conselho Mundial da Paz, que teve lugar em Helsínquia, incidiu sobre a situação em Angola sobre a organização de uma campanha mundial de

solidariedade com a luta do povo angolano, contra a agressão imperialista.

A resolução que foi adoptada diz que o Governo da República Popular de Angola, dirigida pelo Presidente Agostinho Neto, é o Governo legítimo do povo angolano, que é vítima de uma agressão imperialista. As forças armadas e os mercenários da África do Sul e do Zaire que desencadearam uma agressão armada contra a RPA, recentemente formada, agem em conformidade com as prescrições da CIA americana, o seu sócio capitalista e o seu fornecedor de armas.

Os factos em presença atestam que a agressão imperialista lançada contra a RPA, a coberto da FNLA e da UNITA, que são os seus fantoches, prossegue objectivos contrários aos interesses do povo de Angola, sublinha a declaração.

A FNLA e a UNITA não são movimentos de libertação, mas grupos dissidentes que comportam mercenários estrangeiros e que traduzem os interesses do imperialismo americano e dos racistas sul-africanos, estipula a resolução.

O Bureau do Conselho Mundial da Paz apela a todas as organizações nacionais de combatentes para a paz a desenvolver uma campanha activa de solidariedade a favor do povo angolano, do reconhecimento diplomático da RPA, a prestar-lhe uma assistência política, moral e material multiforme. O Bureau do CMP decidiu proclamar o 4 de Fevereiro jornada de solidariedade com a luta de libertação do povo angolano.

BASIL DAVIDSON

NA GUERRILHA DA GUINÉ-BISSAU

(Continuação da página Central)

guerrilha»; pensavam eles pelo contrário que havia muitas mais hipóteses para que aquilo se traduzisse numa luta.

Restituir aos africanos

(Continuação da página Central)

«Agora, começamos a assistir ao desenvolvimento uma nova fase, uma fase lançada pelos movimentos de libertação nacional, uma fase de nacionalismo que é e que continuará a ser revolucionário. Porque se baseia em estruturas e instituições novas, fundadas e constituídas pelos próprios povos. Primeiro, nas zonas libertadas durante a guerra, agora, com o desenvolvimento de uma nação que não é neo-colonialista nem estado colonial, mas uma nação fundada sobre as suas próprias necessidades. Este o tema do meu livro e juro que é muito difícil de tratar.»

A estas exortações, Cabral replicava que só agiriam quando tivessem a certeza de ter persuadido um grande número da população camponesa a tomar parte activa na luta. Sob pena de que o acto de «substituição revolucionária», por mais bem formulado e defendido que pudesse ser, iria degenerar numa irresponsável aventura.

DEZ HOMENS E TRÊS ARMAS

Sua tarefa era pôr de pôr em prática um processo no decorrer do qual a participação das massas levaria à substituição progressiva da minoria pela maioria. Em 1960/61 isso parecia-lhes uma tarefa árdua, mas nem por isso eles deixaram de perseverar na luta. Mesmo em 1963 após terem mostrado do que eram capazes iniciando a luta armada no Sul, era ainda difícil vencer o ceticismo dos camponeses.

Em Novembro último, passei dez dias, num acampamento do «maquis» comandado por Osvaldo Vieira, inspector das forças armadas do PAIGC. Foi ele que outrora, iniciou a luta armada no Nor-

Agressão descarada da aviação do Zaire

LUANDA (AFP) — Três caças bombardeiros zaiotas atacaram de novo duas vilas situadas em território angolano, a 18 de Janeiro último, soube-se ontem, de fonte militar em Luanda.

Os três aparelhos — cujo modelo não foi identificado — bombardearam, segundo o porta-voz das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA), as vilas de Cazombo e Lubala, no extremo este de Angola, na província de Moxico, a cerca de 90 quilómetros da fronteira zaiota. O porta-voz militar indicou que estes «raids» fizeram dois mortos entre as FAPLA, e que um dos aparelhos tinha sido atingido pelos tiros dos combatentes do MPLA.

Por duas vezes, na semana passada, o Estado-Maior das FAPLA tinha anunciado ataques de aviões «Fiat» e «Mirage» zaiotas na região de Teixeira de Sousa (no leste de Angola), na fronteira do Zaire, localidade controlada pelas FAPLA e que comanda o acesso à importante via férrea de Benguela.

MÉDIO ORIENTE

(Continuação da página 7)

Pelo seu lado, Mohammed Saleh Zaimi, representante do Marrocos, reprovou vigorosamente as acções agressivas de Telavive, que continua a contrariar todos os esforços tendentes ao estabelecimento de uma paz justa no Médio Oriente.

O representante da República Árabe do Iémen, Mohammed Sallam, notou que a política de Israel e dos seus protectores nesta região revestia-se de um carácter claramente expansionista e representava uma violação flagrante das múltiplas resoluções da Assembleia Geral e do Conselho de Segurança.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

CRIAÇÃO DA FORÇA AÉREA POPULAR DE ANGOLA

LUANDA (AFP) — A constituição da Força Aérea Popular de Angola (FAPA) foi proclamada oficialmente pelo presidente Agostinho Neto, em Luanda.

A proclamação da Força Aérea da República Popular de Angola foi feita na presença de várias personalidades da RPA, especialmente o primeiro-ministro, Lopo do Nascimento, o ministro da Defesa, comandante Iko Carreira, vários membros do Governo e do Comité Central do MPLA.

O presidente Agostinho Neto que presidia a cerimónia, viria a declarar: «A Força Aérea é mais um instrumento ao serviço do povo angolano para defender o que se adquiriu na Revolução e garantir a paz e o progresso a toda a nação angolana».

«Na nossa luta pela independência, declarou ainda o presidente da República Popular de Angola, contamos com a solidariedade internacional que não nos poderá faltar...».

No decorrer desta cerimónia que se desenrolou sem a presença da Imprensa, três aviões fizeram uma demonstração de alguns minutos. Uma fonte oficial precisava, em Luanda, que os aviões eram pilotados por angolanos. Quanto aos tipos de aparelhos que equipam as Forças Aéreas Populares de Angola, precisava a mesma fonte «que não seria feita nenhuma comunicação» nos próximos tempos, pelo Estado-Maior.

LISBOA: UM MORTO E CINCO FERIDOS

LISBOA (AFP) — Um morto por bala e cinco feridos, entre os quais um polícia, em estado grave, é este o primeiro balanço dos incidentes registados no Rossio, em pleno centro de Lisboa, entre polícias e grupos de pessoas ainda não identificadas, depois de uma manifestação do grupo «M.R.P.P.».

Algum tempo depois do fim dos incidentes e quando a calma regressa pouco a pouco ao local, não era possível reconstituir exactamente o desenrolar dos acontecimentos, dada a confusão.

ELEIÇÕES NO VIETNAME

HANOÍ (TASS) — As eleições gerais para a Assembleia Nacional do Vietname reunificado, terão lugar em 25 de Abril próximo, anuncia um comunicado comum publicado pelo Comité da Assembleia Nacional da República Democrática do Vietname e pelo Conselho Consultivo do Governo Revolucionário do Povo da República do Vietname do Sul.

A decisão de organizar as eleições foi tomada em conformidade com os documentos, da conferência política consultativa sobre os problemas da reunificação do Vietname, pela Assembleia Nacional da República Democrática do Vietname e pelo Congresso dos Representantes do Povo do Vietname do Sul.

O comité permanente da Assembleia Nacional da R.D.V. e o Conselho Consultivo do G.R.P. da R.S.V. instituíram um conselho para as eleições, composta de 22 pessoas, de um representante por cada parte.